



Ano I - nº. 5  
Outubro - 2014

# Opinias

UMA REVISTA DE IDEIAS, PENSAMENTOS E PONTOS DE VISTA

## *O mundo é um quintal*

**Mudar de país em busca de  
novas oportunidades ou viajar  
pelo mundo inteiro pode ser  
bem mais fácil do que se  
imagina**

*A velhice  
e a morte*

*A fome  
oculta*

*Os vinhos  
de terroir*

## Editorial

# Mundo pequeno

A expressão já se tornou uma espécie de chavão e sempre é utilizada quando se pretende transmitir a ideia da vida globalizada de nossos dias: “este mundo é pequeno”. O conceito vem de um conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial visíveis desde o final do século XX, num fenômeno que criou pontos em comum na vertente econômica, social, cultural e política, e que consequentemente tornou o mundo interligado, na chamada Aldeia Global. Isso permitiu a formação de novos mercados com possibilidades infinitas de interação entre pessoas, mercadorias, serviços e culturas.

Quando alguém diz que vai fazer uma viagem para qualquer outro país, é como se estivesse informando que vai até o quintal de sua casa. Para almejar novas perspectivas profissionais, já não se fala apenas em mudar de emprego ou fazer um novo curso superior. A alternativa pode ser também a de mudar de país, buscando alhures o que o seu local de origem não vem atendendo satisfatoriamente. As relações de consumo para quem fica também são profundamente afetadas. No mercado da esquina, pode-se adquirir produtos dos mais remotos pontos do planeta, especialmente daqueles com maior escala de desenvolvimento industrial.

O mundo realmente é pequeno. A consciência disso nos leva também a repensar a própria vida, com toda a celeridade e efemeridade dos dias atuais. Se por um lado temos cada vez mais benesses para usufruir neste mundinho pequeno em que vivemos, por outro é preciso refletir e encontrar meios de entender, solucionar e melhor conviver com suas mazelas. A consciência de que nossa passagem por aqui é breve e que há experiências necessárias pelas quais teremos que passar talvez possam nos propiciar uma maneira melhor de preservar nosso *habitat*, zelar por ele e por seus recursos e tirar de tudo isso o melhor proveito.



**MARCOS GIMENES SALUN**

Jornalista  
São Paulo - SP  
[msalun@uol.com.br](mailto:msalun@uol.com.br)

### Participe!

Envie seu artigo ou comentários e embarque nesta aventura:  
[rumoeditorial@uol.com.br](mailto:rumoeditorial@uol.com.br)

## Expediente

OPINIÁS - ANO I - nº. 5 - Outubro 2014 - Publicação virtual mensal da **Rumo Editorial Produções e Edições Ltda.** \* **Diretores:** Marcos Gimenes Salun, Luciana Gomes Gimenes e Naira Gomes Gimenes \* **Editor e Jornalista Responsável:** Marcos Gimenes Salun (MTb 20.405-SP) \* **Revisão:** Lígia Terezinha Pezzuto (MTb 17.671-SP). \* **Redação e Correspondência:** Av. Prof. Sylla Mattos, 652 - conj.12 - Jardim Santa Cruz - São Paulo - SP - CEP 04182-010 *E-mail:* [rumoeditorial@uol.com.br](mailto:rumoeditorial@uol.com.br) - Tels.: (11) 2331-1351 Celular (11) 99182-4815. *BLOG:* <http://opinias2014.blogspot.com.br/> \* **Colaboradores desta edição:** Carlos Augusto Ferreira Galvão (SP), Igor Diamantino (Sydney - Austrália), Adriano Dias Leite (Sydney - Austrália), Márcio Ribeiro Leite (BA), Helio Moreira (GO), Carlos Eduardo de Oliveira (SP), Talita Miguel Pessoa (SP), Dalva Agne Lynch (SP), Luciana Gomes Gimenes (SP) e Andréa Lúcia Guarçoni (RJ). Matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores a quem pertencem todos os direitos autorais. PERMITIDA a reprodução dos artigos desde que citada a fonte e mencionada a autoria.

## Sumário

- 03 Loucura**  
Uma análise dos vários significados dessa palavra é o tema abordado pelo psiquiatra Carlos Galvão
- 04 Austrália, land of dreams**  
Igor Diamantino conta sua experiência de mudar de país em busca de novas oportunidades de estudo e trabalho.
- 07 Volta ao mundo**  
O fotógrafo Adriano Leite fez uma longa viagem junto com o Homem de Ferro e nos mostra um pouco de sua aventura.
- 11 Envelhecer e morrer**  
O médico e escritor Márcio Ribeiro Leite analisa e nos leva a refletir sobre o envelhecimento e a morte.
- 14 Escritores e ambientes**  
Helio Moreira aborda a riqueza da narrativa de alguns autores ao criar ambientes para suas histórias.
- 16 Vinhos de terroir**  
A coluna de Carlos Eduardo Oliveira vem com valiosas informações para os amantes de um bom vinho.
- 19 A fome oculta**  
A nutricionista Talita Miguel Pessoa fala sobre o que é certo e errado para uma alimentação adequada.
- 20 Poesia através dos tempos**  
A crônica da poeta Dalva Agne Lynch aborda a importância da poesia ao longo da história.
- 22 Dicas e links na net**  
Luciana Gomes Gimenes vem com novas indicações de lugares interessantes para conhecer na internet.
- 23 Curiosa literatura**  
O editor Marcos Gimenes Salun coletou fatos pitorescos da vida e obra de alguns escritores famosos.
- 24 Sandália de Couro**  
A beleza da poesia intimista da engenheira Andréa Lúcia Guarçoni vem fechando esta edição.

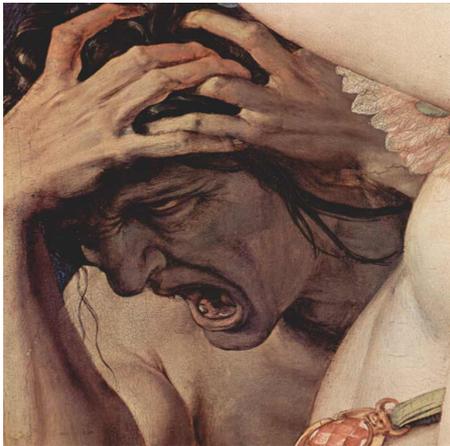


Por  
**CARLOS AUGUSTO GALVÃO**  
 Psiquiatra  
 São Paulo - SP  
[carlosafgalvao@terra.com.br](mailto:carlosafgalvao@terra.com.br)

# LOUCURA

Loucura é uma palavra que causa temor e fascina ao mesmo tempo. Talvez aí a quantidade imensa de significados que ela gera. Lembro na década de sessenta, quando um amigo, com ar de grande satisfação, dizia sobre o festival de Wodstock após chegar dos EUA: “Foi uma loucura”; no caso a loucura era uma coisa muito boa que ele tinha vivenciado. Vemos outros significados para este termo: Algo muito bagunçado, atitudes impensadas, uma multidão em confusão e por aí vai. As pessoas podem ficar “loucas de amor”, “loucas de raiva”, “loucas de alegria”... Podem “enlouquecer” de felicidade... Enfim, para várias situações do cotidiano, sempre aparece esta palavra.

Tem-se que atentar que, às vezes, a loucura pode ser uma ofensa: “Você está ficando louco”, ou um xingamento: “Seu maluco de uma figa”.



Mas, afinal, o que é a loucura? Todos os órgãos às vezes adoecem e os sintomas dessas doenças estão relacionadas com as funções dos órgãos afetados; então se

uma doença acomete a bexiga, por exemplo, os sintomas serão no aparelho urinário: ardor à micção, dor no baixo-ventre (região da bexiga). Quando a afecção afeta o cérebro, veremos os sintomas exatamente no produto funcional dele: O pensamento em suas percepções, afetos, lógica, memórias...

Existem várias doenças do pensamento que não podem ser classificadas como loucura: causa um sofrimento no portador, mas não o deixa louco. A Loucura, cujo sinônimo, um tanto eufemístico, é a

psicose, não pode ser confundida com outros estados mentais que provocam sofrimento como as depressões, as euforias, o pânico e a astenia psíquica.

Psicose é um termo genérico que se usa em todas as formas de loucuras como a esquizofrenia, a psicose bipolar e a psicose de Karl Kleist, embora estas doenças tenham características próprias; mas todas têm, em comum, sintomas como delírios e ou alucinações, e principalmente a dissociação da realidade; então o portador vive uma realidade que só existe em sua cabeça. O mais interessante é que às vezes “pega”. Os franceses descreveram há muito um tipo de psicose que atinge duas pessoas ao mesmo tempo: “Folie a deux”, quando dois seres humanos padecem juntos as mesmas alucinações e os mesmos delírios. Lembro-me de um paciente em meu consultório que se achava a nova encarnação de Jesus Cristo, e compareceu com os pais e duas “apóstolas” que acreditavam piamente no enfermo, e chegaram a me desacatar quando disse que se tratava de uma psicose.

Por isso estas doenças causam horror, fascínio e, muitas vezes, discriminação. Discriminação esta que atinge inclusive o psiquiatra. Hoje atuo num grande hospital paulistano que anteriormente não tinha cultura de psiquiatria, em interação com as outras clínicas; mas, no início, quando dizia que fazia psiquiatria, sempre via um risinho meio *blasè* no interlocutor, até quando conversava com colegas.

A discriminação maior quem recebe mesmo são os pacientes, talvez reflexo do tempo em que os insanos eram tratados como delinquentes e eram trancados em celas para o resto de suas vidas.

A humanidade ainda busca as causas das doenças mentais, talvez a área mais estudada da medicina e paradoxalmente a que é a menos conhecida, embora detenha perto de 50% de toda a literatura médica. Mas hoje existem tratamentos e a medicina consegue reverter muitos quadros de psicose; em vista disso, esperamos que desapareçam algumas lendas e mitos que provocam medo social, sendo a principal, a que reza que o louco é violento. Existem formas de loucura que, de fato, deixam o portador agressivo e algumas vezes violento, mas são formas raras.

Quem agride, fere e provoca assassinatos é a parte sã da humanidade; não é característica da loucura.

Imagem:  
 Parte da Alegoria do Triunfo de Vênus, de Agnolo Bronzino.  
 Wikimedia Commons  
[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Angelo\\_Bronzino\\_003.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Angelo_Bronzino_003.jpg)

# AUSTRÁLIA

## terra do sonho



Por  
**IGOR DIAMANTINO**  
Gerente de projetos e músico  
Sydney - Australia  
[idiamentino@gmail.com](mailto:idiamentino@gmail.com)

*O termo existe mesmo: Austrália, land of dreams*

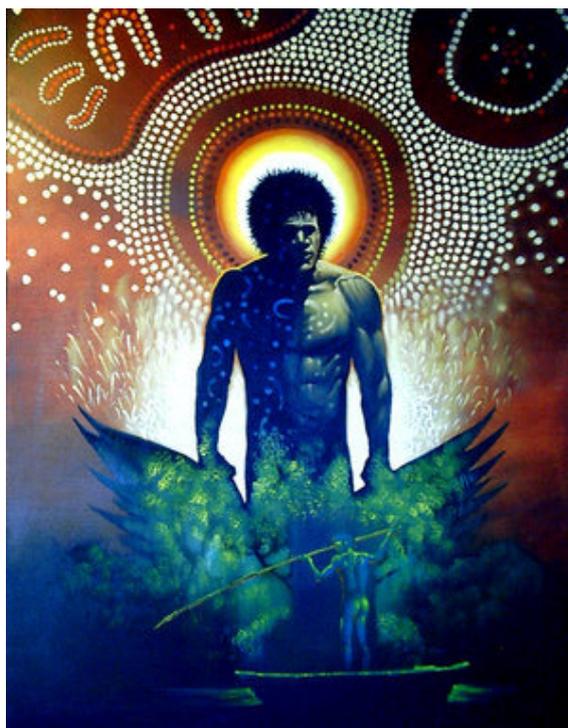
*“Os aborígenes australianos acreditam que o mundo dos sonhos é o verdadeiro mundo, a fonte de nossos conhecimentos e de nosso ser mais profundo, onde todos os eventos e padrões se manifestam na nossa vida real.” -*

*Robert Moss, autor de Conscious Dreaming*

### 4

Eu sempre tive o sonho de fazer intercâmbio cultural, desde criança. Quando pensei pela primeira vez em ir para a Austrália, eu tinha por volta de 18 anos. Naquela época eu estava prestes a entrar na faculdade. Portanto, não era exatamente uma escolha, apenas uma vontade. Assim que terminei a faculdade, recusei uma segunda oportunidade de sair do Brasil, afinal como eu poderia largar um recém-conquistado trabalho em um ambiente tão competitivo? Com o passar do tempo, as escolhas não se tornaram mais fáceis como eu esperava. Na terceira oportunidade, eu já estava com 30 anos, teoricamente tarde demais para se fazer um intercâmbio. Mas sim! Eu decidi ir mesmo com meus 30 anos e não me arrependi por um minuto sequer!

Quando pisei na Austrália pela primeira vez, foi tão surreal que eu cheguei a tocar o chão do aeroporto com as mãos, tentando me convencer de que aquilo não era apenas um sonho.



A Austrália é mesmo um pouco daquilo que a gente imagina: praias paradisíacas, *pubs*, surfistas, churrascos e cangurus. Entretanto, onde a Austrália verdadeiramente se destaca é na sua cultura diversificada e sua generosidade em acomodar pessoas de diferentes etnias, embora essa mistura deixe muitas pessoas confusas sobre como definir a verdadeira cultura Australiana.

Estudos indicam que os aborígenes são descendentes dos primeiros *Homo Sapiens* a deixar a África, há cerca de 24 mil anos, antes mesmo de seus semelhantes europeus e asiáticos! Os anos se passaram e a Austrália se tornou um dos países com a maior diversidade cultural do mundo.

Como esse contraste funciona nesse país ilha-continente? Surpreendentemente muito bem!

Como paulista e paulistano, mesmo acostumado a uma cidade grande, eu nunca tinha imaginado o que era exatamente um lugar multicultural. As comidas, as roupas, os sotaques e os estilos são tão variados que para se adaptar é realmente preciso ter a mente aberta. Talvez este seja um dos segredos que fazem a Austrália ser um lugar tão especial.

Aqui nossas amigas são tão diversas que não é difícil estarmos em um churrasco em meio a Australianos, Italianos, Portugueses, Sul-Africanos, Checos, Russos, Tailandeses e Coreanos. Cada um em busca do seu próprio sonho e com uma história diferente para contar.

Eu sonhava em sair do país para aprender, abrir a mente e conhecer pessoas diferentes, por isso não pensei duas vezes. Matriculei-me em uma escola de inglês, aluguei um quarto para mim e para minha namorada em uma acomodação estudantil e voltamos à escola, o que se tornou uma das melhores escolhas que fizemos.

Voltar para a escola nos permitiu conhecer a Austrália do estudante, muitas vezes sem dinheiro, que vai trabalhar no café ou na construção, nem que seja para conseguir ficar algumas semaninhas a mais. Um estrangeiro aqui percebe rapidamente como aprender inglês pode ser mais desafiador do que parece, então tem que estudar. Também é verdade que com um inglês básico é possível se virar por aqui. Os Australianos são em geral pessoas gentis que, acostumados com tanta gente de fora, não se importam em perder alguns minutos para ajudar alguém perdido

ou com dificuldades. Pelo contrário: eles ajudam com muito prazer.

Mas quando o inglês começa a melhorar é que

a verdadeira jornada do conhecimento começa. Fazemos amizades mais facilmente, tanto de Australianos quanto de pessoas de outros países e, assim, começamos a conhecer um mundo diferente. Trocar sonhos e experiências com pessoas do mundo todo é viciante.

Aprendemos que aquilo que nós achamos normal pode parecer estranho para alguns. Aqui aprendi que feijão também se come com molho de tomate no café da manhã, que beterraba combina com hambúrguer e que abacate fica delicioso na salada.



***Quando o inglês começa a melhorar é que a verdadeira jornada do conhecimento começa.***

Também aprendi que fofoca, preconceito e corrupção são males evitados no dia a dia, pois cada atitude individual conta para o bem-estar geral. Respeitar as diferenças é fundamental.

E aqui a gente também aprende a conviver com o sentimento chamado saudade.

Quando a saudade bate forte, nós temos apenas nós mesmos para nos confortar, então os laços de amizades aqui se tornam muito fortes. De repente, aquela pessoa que você conheceu há apenas um mês se torna o seu melhor amigo e isso é normal e sincero.

Mas também descobrimos o desapego e que, o que o universo nos traz, ele leva quando bem entender.

Aquele amigo que passou dois anos ao seu lado como unha e carne decide voltar para seu emprego

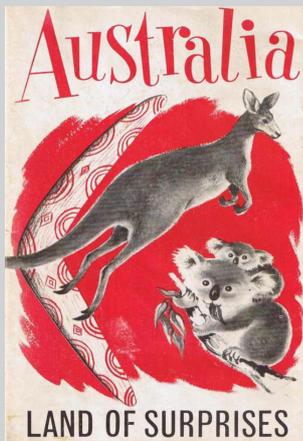
antigo. Aquela sua colega que tinha tantos planos hoje está grávida a bordo de um avião em direção a sua terra-natal. Seu colega de classe decidiu que a Austrália já não é grande o suficiente e, portanto, ele vai continuar sua jornada por outros países pelo mundo.

As pessoas e as histórias vêm e vão, tão incertos como... sonhos.

Talvez os aborígenes tenham razão. Devemos acreditar em nossos sonhos e manifestá-los na vida real. Não sabemos o que o próximo dia vai nos trazer ou onde a próxima oportunidade irá nos levar. Mas, certos de que estamos seguindo o caminho trilhado pelos nossos sonhos, o inesperado deixa de ser algo a temer, mas sim algo a se apreciar.

“Viver na Austrália continua sendo como viver em um sonho”. E eu ainda continuo a sonhar!

## 6



### Saiba mais Intercâmbio: Trabalhar e estudar

Várias agências de intercâmbio dão todas as informações e facilitam os trâmites para quem deseja se aventurar na Austrália, a terra dos sonhos e das surpresas. Consulte uma delas e prepare-se para descobrir esse novo mundo.

<http://www.gooddayoz.com/>

<http://www.australiancentre.com.br/site/australia/default.asp>

<http://australiabrasil.com.br/>

<http://www.helloaustralia.com.br/>

<http://www.latinoaustralia.com.br/estudar-australia/intercambio-australia/cursos-intercambio>

### Embaixada da Austrália no Brasil

É importante uma visita ao *site* da embaixada australiana a fim de conhecer todos os trâmites legais e exigências para viajar

<http://www.brazil.embassy.gov.au/brasportuguese/home.html>

### Informações turísticas

E, claro, uma visita a este *site* de turismo, para saber tudo o que este país-continente tem para se visitar e conhecer é sempre muito bom!

<http://www.australia.com/pt-br/>



# Volta ao mundo em 8.000 cliques



Por  
**ADRIANO DIAS LEITE**  
Fotógrafo e cidadão do mundo  
Sydney - Austrália (no momento)  
[adri@adrianoleite.com](mailto:adri@adrianoleite.com)

*Olá! Meu nome é Adriano Dias. Nasci brasileiro, mas tornei-me um cidadão do mundo desde que me conheço por gente. Após trabalhar exatamente a metade de minha vida, refleti que era hora para tirar um tempo para descansar e repensar meu rumo. Em julho de 2013, pedi as contas do trabalho e decidi dedicar um período de minha vida a duas de minhas maiores paixões: viagens e fotografia. Como iria fazer esta viagem sozinho, resolvi convidar um parceiro de aventuras que me acompanhou desde que saí do Brasil em 2005. Ninguém menos que o poderoso Homem de Ferro! Em nossa saga, passamos por quatro continentes diferentes e registramos os melhores momentos de nossa viagem que agora compartilhamos com vocês, mostrando algumas das mais de 8.000 fotos e registros dessa aventura. Bem-vindos a bordo!*

7



Homem de Ferro observando o portão de embarque no Aeroporto Internacional de Sydney (onde moramos) e pensando: “Aonde o Adriano tá me levando?”

## DUBAI

Nossa primeira parada depois de 14 horas de voo foi Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, onde chegamos em pleno verão escaldante! Para completar a experiência, fomos na época do Ramadan, período em que os muçulmanos se abstêm de comer e beber do raiar até o pôr do sol. A lei se aplica a estrangeiros também e não nos era permitido comer ou beber em lugares públicos, o que pode parecer inconveniente, mas com certeza fez-nos sentir como parte do lugar, ao invés de simples turistas.



8

Homem de ferro no topo do Burj Khalifa, o prédio mais alto do mundo! A vista do topo é sensacional e tivemos a oportunidade de assistir ao pôr do sol em pleno deserto! Nesse momento a cidade inteira se ilumina e muda completamente o seu visual. Uma experiência inesquecível!

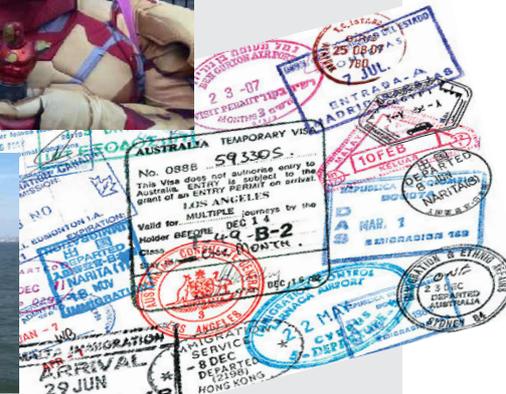
## PRAGA

Finda a nossa volta por Dubai, chegou a hora de voar para Praga, na República Checa, onde tive a oportunidade de morar por 5 anos anteriormente. Foi a hora de rever os amigos e minha filha, Clara Dias, que tinha ido para lá visitar os avós maternos! Nossa visita a Praga foi breve, mas boa o bastante para o Homem de Ferro conhecer esta cidade medieval considerada umas das mais bonitas da Europa. Castelos e igrejas milenares e o verão europeu nos deram a chance de tirar estas lindas fotos, mas logo chegou a hora de continuar a explorar o mundo.



## NOVA YORK, WASHINGTON

Voamos da República Checa direto para Nova York, onde tivemos a oportunidade de subir no topo do Empire State, visitamos a Estátua da liberdade, e até encontramos o Homem de Ferro de carne e osso pelas nossas bandas na Times Square! Seguimos nossa viagem para Washington DC, onde o Homem de Ferro e eu tivemos a oportunidade de visitar a Casa Branca, o Capitólio e muitos outros lugares famosos que vemos em filmes. Para nossa surpresa, encontramos o Seu Madruga do seriado Chaves passeando por lá e ele resolveu juntar-se ao grupo e passear um pouco com a gente!



## CURAÇAO E ARUBA

Depois de explorar a costa Leste dos Estados Unidos, voamos para a região caribenha com o objetivo de conhecer duas ilhas fantásticas: Curaçao e Aruba. As ilhas são colônias holandesas e este é o idioma oficial; foi muito interessante visitar uma região tão próxima do Brasil em que se fala uma língua totalmente diferente do português e do espanhol. As ilhas são realmente paradisíacas, e encontramos muitas pessoas maravilhosas que sempre enriquecem a experiência.



## EUA

De volta aos Estados Unidos, desta vez pela costa oeste, decidimos alugar um carro e conhecer as cidades de Los Angeles, Las Vegas e São Francisco. Visitamos a Ponte Golden Gate, os imponentes cassinos, as praias de Los Angeles e um dos bairros mais famosos do mundo: Hollywood (terra natal do Homem de Ferro). Mas o que mais nos impressionou foram os parques nacionais com suas paisagens surreais. Sem sombra de dúvidas, os parques foram os lugares mais impressionantes que visitamos em nossa jornada!



10



## HAVAÍ

Nossa última parada nessa volta ao mundo foi o Havaí, a capital mundial do *surf*, com suas praias e ondas perfeitas. A beleza natural dessas ilhas remotas do Pacífico me faz relaxar a mente toda vez que lembro dos bons (e tranquilos) momentos que passamos por lá.

## DE VOLTA PRA CASA

Bem, nossa viagem estava chegando ao fim. Depois de alguns meses rodando esse mundão, chegou nossa hora de voar para casa. Alguns dias depois de nosso retorno a Sydney, o Homem de Ferro encontrou sua parceira Barbie para começar um novo *tour*, desta vez pelo Brasil! E para nos surpreender ainda mais, a Barbie convidou sua amiga Clara Dias para fazer parte do grupo! Vivaaaaa! Iríamos passar mais algumas semanas viajando muito bem acompanhados. Mas vou deixar essa história para uma próxima oportunidade! Um grande abraço a todos, e lembre-se de sempre fazer do mundo o seu quintal!



CONHEÇA

**Adriano Leite Photography**

<http://www.adrianoite.com/>

<https://www.facebook.com/adrianoitephotography>

# ENVELHECER e MORRER

*(Experiências necessárias)*



Por  
**MÁRCIO RIBEIRO LEITE**  
Médico e escritor  
Salvador - BA  
[dr.biboleite@yahoo.com.br](mailto:dr.biboleite@yahoo.com.br)

*Tomando como ponto de partida este excerto do romance “O Momento Mágico”, que aborda a questão da morte no hospital, portanto, distante do ambiente familiar, do aconchego dos entes queridos, podemos inferir o absurdo nível de angústia gerado por uma situação como essa. Além de questões idiossincrásicas – uma vez que a morte advém a cada um de nós em momentos distintos de nosso desenvolvimento pessoal e de maturação de tal questão – há a sobrecarga imposta por nossa (social) visão imatura e prepotente do fenômeno. Portanto, há o componente interno ou pessoal, e o componente externo ou não pessoal, relativo ao ambiente ou cultura, como motores dessa angústia. Claro, ambos estão ligados, são interdependentes, mas, absolutamente, não são congruentes.*

O Ego médico, ampliado no sentido de abarcar toda a equipe de saúde, é cunhado com a determinação de ver na morte o sinal inequívoco de derrota de nossos dispositivos artificiais de manutenção da vida. Antes da morte, a própria velhice, embora inexorável, já é vista, em uma cultura onde predominam valores da juventude, como decadência e inadequação. O mundo, todo projetado para os arroubos, movimento e ritmo dos jovens, passa a ser um local não adaptado aos velhos, com sua característica cadência. Isso tão somente contribui para a sensação de inadequação e alienação dos idosos, que se acham extemporâneos, anacrônicos, com o avançar da idade e a perda progressiva de seus referenciais de mundo e época. As mudanças em seu entorno, a perda dos amigos,

parentes e amores mais significativos, a perda de hábitos e condicionamentos que delineavam uma forma particular de existir, forçam o idoso a uma readaptação difícil e quase nunca executada a contento. Mais e mais ele vai percebendo a desconfiguração de seu *habitat*, de suas referências existenciais, o que em muito contribui para a sensação de vazio, de alheamento, dos últimos anos.

O idoso, forçosamente e com sofrimento, vai descolando-se da vida, desmotivando-se, mais ou menos ciente de que esse é um processo inevitável e que ele não pode controlar. Muitas vezes há patéticas tentativas de se permanecer jovem, “ligado”, “por dentro”, “in”, como diriam os jovens em suas mutáveis

gírias. Numa visão comum e tingida de preconceitos silenciosos, envelhecer é falência, decrepitude, prenúncio de morte. No mais das vezes, a velhice está associada a dores, limitação e doenças. Hoje sabemos que não necessariamente é assim, há alternativas, mas fatalmente resvalamos para o ideário popular que ainda pinta o envelhecer com tons sombrios. O idoso, portanto, sente-se em situação de



“despertar” para a multifacetada realidade interior, com muitos personagens ávidos de vivificação e experiências por realizar. Um mundo vastíssimo, tão real quanto o universo ponderável à nossa volta, e muito mais acessível aos idosos, ou a qualquer um que se disponha a essa comunicação com o Self (Alma).

Para essa aventureira descida ao mundo interior não são necessários ossos e músculos em plena forma, é factível a qualquer um, incluindo velhos e enfermos. Cada qual pode realizar essa jornada a seu modo e a seu tempo, numa tentativa de reencontro consigo mesmo, de revitalização das verdades essenciais da vida, em contraste com as ilusões criadas pelo Ego ao longo da estrada.

**12**

desvantagem, de desmerecimento, de desconstrução, o que, por si só, dificulta a caminhada. Torna-se irresoluto, tímido, vacilante, pois ciente de sua fraqueza. E já que ossos e músculos não lhe correspondem às expectativas, deve restar-lhe a lucidez, a maturidade, o equilíbrio, o intelecto. Aos homens e mulheres mais maduros cabem grandes obras de peso intelectual. Há que se viver uma longa vida para atingir os “mistérios”. Refiro-me à sabedoria da existência disponível aos que percorreram longos caminhos. Refiro-me ao resgate do simbolismo do arquétipo do velho sábio, centrado, conselheiro, que tem as respostas para a ânsia da juventude, conhecedor do “elixir da longa vida”, se não da vida física e destrutível, daquela outra verdadeira e imortal. Devemos cooperar para atrair ao nosso *pool* de crenças e experiências culturais a vivência do velho sábio, à moda de muitas culturas arcaicas, mais intuitivas e espiritualizadas. Sem abominar o mundo à nossa volta ou as inequívocas conquistas materiais, sem a necessidade de meditar por anos em uma caverna no Himalaia, podemos

Envelhecer e morrer, experiências inevitáveis, não passam de curso preparatório e adestramento para nova percepção de existir, nova forma de viver, dentro de conceito simbólico, muito mais amplo e satisfatório do que a mera concepção biológica de vida. Não importam as nossas diferentes ideologias, filosofias ou religião, todos podemos atingir conceitos mais amplos do significado da vida e de sua contrapartida, a morte. É possível, pois, se não criar, recriar uma imagem

*O idoso sente-se em situação de desvantagem, de desmerecimento, de desconstrução, o que, por si só, dificulta a caminhada. Torna-se irresoluto, tímido, vacilante, pois ciente de sua fraqueza.*

menos distorcida e mais favorável do envelhecer, ligando-a a ricas e respeitáveis vivências, retirando de sobre ela o fardo das associações pejorativas. É possível também desvincular o envelhecer da ideia de decadência, agregando o conceito de transformação, transmutação, adaptação, a uma noção de vida muito mais vasta, ainda que subjetiva e simbólica. Ao ter reverência pelo passado, o idoso segue em direção ao futuro, mais confiante e seguro de si, compreende que passa por experiência que transcende sua realidade particular. Ao mesmo tempo, segue desvelando sua singularidade. Sem a visão míope que envolve a morte, denominador final comum do envelhecer, esta não deverá ser corolário de dores e sofrimento, mas de júbilo pela sensação de missão cumprida e satisfação pela obra realizada, ainda que sempre parcial.



A morte configura-se, portanto, como uma etapa a mais na escalada da vida, não como seu contraponto, nem como seu inexorável término. Envelhecer, morrer, como em toda e qualquer espécie animal ou vegetal, até mesmo como em qualquer material físico-quimicamente constituído, são etapas vitais. O homem que chora a morte de um ente querido, por admiti-lo perdido em definitivo, traz-me à mente a imagem da criança pequena que se desespera ao ver a mãe sair para o trabalho. Fazendo referência a James Hillman, idealizador da Psicologia Arquetípica, infiro que o arquétipo do jovem e do velho (Puer e Senex) sejam exatamente o mesmo, em diferentes polaridades, assim como, em essência, somos sempre a mesma pessoa, quer estejamos situados em um polo ou outro da vida, ou seja, quer estejamos em uma extremidade ou outra do arquétipo, buscando aqui

*A morte configura-se como uma etapa a mais na escalada da vida, não como seu contraponto, nem como seu inexorável término.*

apenas o entendimento com uma metáfora espacial. A jornada em direção ao futuro desconhecido deve ser tranquila e despojada, quando entendida não como perda de juventude e vigor, mas como ganho de experiência, vivência e despertar de sensibilidades.

O caminho é menos íngreme quando assumimos o envelhecer (e morrer) como uma experiência transpessoal, absolutamente necessária e lógica, algo, como não poderia deixar de ser, plenamente inserido na engenhosidade e propósitos da Natureza, ainda que nem sempre inteligíveis sob os limites de nossa tridimensionalidade. O envelhecer, muito além de simples contar de dias em direção à morte, vivência de Chronos (tempo cronológico, quantitativo), pode e deve tornar-se uma vivência Kairós (tempo qualitativo, tempo oportuno). Sem referência à mitologia, quero dizer que a vida pode ter uma relação difícil com o tempo (Chronos), em que nos posicionamos fora do momento presente, do *aqui-e-agora*, estamos em conflito com ele; ou podemos fluir com o tempo, ser o próprio tempo, fundir-nos nele, o que torna a contagem dos dias absolutamente desnecessária e a ação dele sobre nós algo perfeitamente aceitável e indiscutível, portanto, totalmente integrada à nossa natureza.



### O MOMENTO MÁGICO

Márcio Ribeiro Leite  
Editora Record

<http://www.livrariacultura.com.br/>

# Como eles, os escritores descrevem os ambientes



Por  
**HELIO MOREIRA**  
Médico e escritor  
Goiânia - GO  
drhmoreira@gmail.com

O narrador de um texto literário, principalmente do romance, pode, dependendo do desenvolvimento da ação e, principalmente da intenção do autor, se colocar como participante ou um mero expectador privilegiado que conhece o terreno que o personagem está pisando.

14

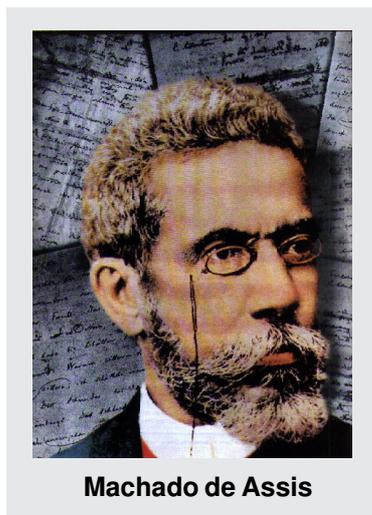
A descrição do ambiente onde se desenrola a ação pode definir a capacidade de comunicação entre o autor e o público leitor; se houver descrição pormenorizada de detalhes, poderá se tornar cansativa com a conseqüente descontinuidade da leitura, porém, se for muito econômica, poderá não transmitir a ideia que o autor tem em mente.

A arte está na capacidade de, ao narrar, o autor deixar, nas entrelinhas, possibilidade para o leitor completar os detalhes, de acordo com a sua sensibilidade e, principalmente, sua imaginação; em outras palavras, ele “ajuda” o autor a escrever o livro.

Machado de Assis sabia, como ninguém, a arte da narrativa; suas frases são curtas, diretas, pouco adjetivadas, tomava fôlego na construção da sentença, com o abusivo (abusivo?) uso da vírgula.

Vejam comigo esta descrição de ambiente encontrado no seu romance “Quincas Borba” (início do capítulo III); o narrador (Machado de Assis), espírito bisbilhoteiro, por conhecer os costumes da época, brinca com o personagem (o novo rico Rubião), que passou a viver em um mundo que não era o dele:

“Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas, o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica esse par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, - primor de argenteria, execução fina e acabada”.

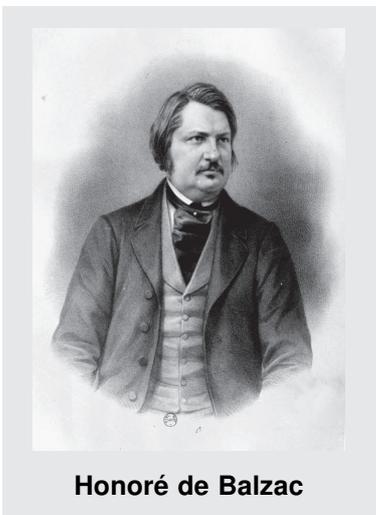


**Machado de Assis**

Outras vezes o narrador usa um ambiente já seu conhecido e tenta transformá-lo, pela necessidade da ação, como se estivesse no remoto passado de mais de cem anos atrás, utilizando-se da criatividade ficcional (Couto de Magalhães, o Último Desbravador do Império, Ed. Kelps, Hélio Moreira); para que os leitores entendam a dinâmica da cena, o autor do livro morou durante algum tempo em Londres no ano de 1972 em uma típica residência londrina, a descrição que lerão no livro (p.130) corresponde à sala de espera daquela casa, com algumas poucas modificações, consentâneas com pesquisas bibliográficas, para adaptar ao ano de 1876, quando Couto de Magalhães chegou a Londres:

“Foram minutos de enervante expectativa, Couto aproveitou para folhear alguns papéis que estavam dispostos sobre uma pequena mesa de centro, colocada bem próxima da poltrona onde ele se alojara.

A sala onde ele estava era ornada por um mobiliário que, absolutamente, não pecava pela extravagância; duas ou três poltronas de couro preto, dois elegantes e vistosos pares de cadeiras de espaldares altos com assento em palha, um grande relógio carrilhão, duas ou três gravuras expostas nas paredes, que, aliás, eram recobertas por um papel com cores discretas, ao invés da tradicional pintura.



**Honoré de Balzac**

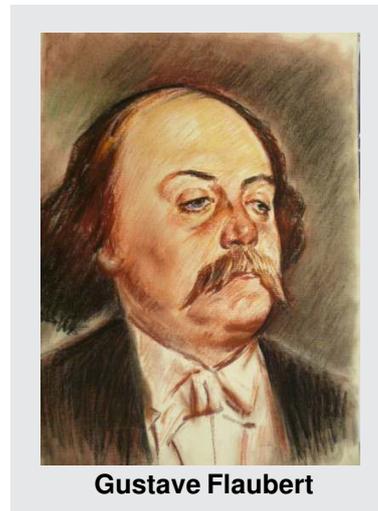
Um grande cabide, um porta-chapéus e um porta-guarda-chuvas se localizavam nas imediações da porta de entrada; completando o conjunto, podia-se ver um banco de madeira de cor escura, definindo, em quase todas as residências londrinas, como sendo o local para se colocar o sobretudo; o assoalho era todo atapetado, dando ao ambiente um requinte que poderia ser superponível ao da nobreza”.

Destaco agora um trecho de “A Prima Bete”, inserido no conjunto da “Comédia Humana”, provavelmente, um dos mais importantes romances de Honoré de Balzac, pois foi escrito em sua fase de maturidade literária; no seu 1º. Capítulo, o personagem Crevel (oficial da Guarda Nacional) examinava o mobiliário do aposento onde se encontrava, enquanto aguardava a chegada da baronesa, com quem viera tratar de negócios: casamento.

O leitor, pela descrição do ambiente, consegue descobrir a situação financeira da dona da casa e do oficial.

“Observou as cortinas de seda, primitivamente vermelhas e já arroxeadas pela ação do sol, puídas nas pregas por longo uso: o tapete desbotado; os móveis desdourados, cuja seda, muito gasta, apresentava manchas; e expressões de desdém, contentamento e esperança se sucederam ingenuamente na cara larga do comerciante enriquecido. E ele se mirava ao espelho colocado em cima dum velho pêndulo do Império, procurando compor-se quando o roçar do vestido de seda anunciou a entrada da baronesa. O capitão assumiu então uma posição conveniente.

Sentando-se num pequeno sofá, que certamente fora muito bonito há 40 anos, a baronesa indicou a Crevel uma poltrona, que, na extremidade dos braços, tinha cabeças de esfinges bronzeadas, cuja pintura, entretanto, estava escamada, a ponto de deixar ver a madeira. Convidou-o a sentar-se”



**Gustave Flaubert**

Madame Bovary, de Flaubert, é um marco do romance descritivo; o autor é minucioso nas descrições dos ambientes, porém, não é enfadonho.

No início do capítulo VI, há uma maravilhosa descrição da Vila, vista por Emma, na voz do narrador:

“Uma vez, quando a janela estava aberta e ela sentada no peitoril, ouviu o *Ángelus*. Era o início de abril, quando as primaveras se abrem; um vento morno rola nos canteiros lavrados e os jardins, como as mulheres, parecem enfeitar-se para as festas do verão. Por entre os barrotes do caramanchão e ao redor, mais além, via-se o rio na pradaria que desenhava na relva sinuosidades vagabundas”

Parece que, também, vemos a paisagem com os olhos de Bovary.

# VINHOS de *terroir*



Por  
**CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA**  
Engenheiro  
Santo André - SP  
[carlos@sabbahi.com.br](mailto:carlos@sabbahi.com.br)

Na coluna de hoje, vamos começar a desvendar a geografia do vinho. O cultivo da vinha - bem como a cultura em torno do vinho - está intimamente ligado a diversos fatores, entre eles o lugar em que são cultivados os vinhedos, a história dessa região, o clima, a mão de obra... Os europeus, principalmente os franceses, chamam há muito tempo essa soma de fatores de *terroir*, e esse conceito se espalha mundo afora. Hoje em dia, quando se quer tomar como exemplo um vinho autêntico, regional, que segue as tradições do lugar onde é feito, diz-se que é um *vinho de terroir*.

16

A mais difundida divisão geográfica no mundo do vinho é a divisão em “Velho Mundo” e “Novo Mundo”. Por Velho Mundo entende-se as regiões pioneiras no preparo do vinho. Dizem que o plantio de uvas surgiu entre o Oriente Médio e os Bálcãs, sendo levado para a Europa primeiramente pelos povos gregos, a partir do sul da Itália (que naquela época chamava-se Enotria - terra do vinho), e depois foi difundido pelos romanos para o restante do continente europeu.

Com o passar dos séculos, na Era dos Descobrimentos, a vinha chegou à América trazida pelos padres espanhóis e portugueses, que precisavam produzir vinho para a celebração da missa na Terra Nova. Algum tempo depois, os ingleses também levariam as videiras para suas colônias na Oceania e na África. Mas foi somente depois de muito tempo, já no

século 19, que a cultura do vinho se estabeleceu realmente em países como os Estados Unidos, Chile, Argentina, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul - estes são os maiores produtores entre os países mais comumente chamados como o “Novo Mundo” do vinho.

Genericamente, afirma-se que foram os produtores do Novo Mundo que difundiram os chamados vinhos varietais - aqueles feitos com apenas uma variedade de uva - o que simplificou a identificação nos rótulos e popularizou o consumo de vinho; ficou mais fácil para o consumidor iniciante identificar o que estava comprando, já que os produtores europeus - salvo poucas exceções - costumam classificar seus vinhos em função do local em que é produzido. Em muitos lugares, esse sistema de “apelações de origem” é



centenário! O francês sabe que se comprar um Sancerre tinto ou um Volnay da Borgonha estará comprando um vinho de *pinot noir*; enquanto que um chileno, por exemplo, compra uma garrafa de *pinot noir*, que pode ou não ter em seu rótulo a procedência geográfica das uvas com as quais foi elaborado. Hoje em dia, alguns países europeus, como a Grécia e até mesmo Portugal, têm produzido muitos vinhos varietais, mais “globalizados” e padronizados no gosto predominante no atual mercado internacional - vinhos encorpados e frutados, para serem bebidos jovens - e por isso são considerados o “Novo Mundo no Velho Mundo”. Por outro lado, enólogos do Novo Mundo - até mesmo no Brasil - estão cada vez mais empenhados em elaborar *vinhos de terroir*, pesquisando os melhores lugares para cada cepa, de maneira que este local resulte em um vinho autêntico, sem igual.



Cabe ressaltar que a vinha se dá bem principalmente em zonas subtropicais, até mais ou menos o paralelo 45, e que algumas cepas, chamadas de “castas internacionais”, se adaptam bem em qualquer terreno dentro dessa faixa, mas sempre resultando em vinhos com características diferentes, dependendo das características de cada *terroir*. São alguns exemplos o cabernet sauvignon (pronuncia-se cabernê sovinhon), o merlot (merlô), o chardonnay (chardoné)..

Nos países europeus, a classificação qualitativa dos vinhos obedece a um padrão mormente geográfico,

sendo categorizados em ordem crescente em vinhos de mesa (*vin de table*, *vino da tavola*), vinhos regionais (*vin de pays*, vinhos IGP - indicação geográfica de procedência), e vinhos AOVDQS (apelação de origem para vinho de qualidade superior), que por sua vez se subdivide em apelações mais específicas, como DOC (denominação de origem controlada) e DOCG (denominação de origem controlada e garantida, o equivalente à francesa AOC - *appellation d'origine controlée*). Mas como toda regra, esta também tem exceções, pois a classificação nestas faixas é uma convenção dos institutos responsáveis para que os vinhos produzidos dentro de cada apelação mantenham uma certa padronização. A legislação pode reger, entre outros fatores, as cepas utilizadas, a produção máxima de uva por hectare de vinhedo, o tempo de maturação do vinho etc.

Mas às vezes acontece de alguns produtores fugirem dessas regras e produzirem vinhos excepcionais. Talvez o caso mais conhecido seja de alguns produtores da Toscana que, cansados da mediocridade que a região vinha produzindo escondida atrás da denominação de Chianti - que em meados da década de 70 só permitia o uso da uva típica sangiovese - passaram a plantar cepas internacionais e produzir vinhos mais encorpados e frutados que receberam o apelido de *supertoscanos*, cortes de cabernet

sauvignon, merlot e até mesmo *syrah* (sirrâ) com a sangiovese, que alcançaram grande fama internacional e atingiram altíssimos preços no mercado, mesmo sendo desclassificados para vinho de mesa por não obedecerem às normas da apelação. São exemplos os famosos vinhos “aia” - Sassicaia, Solaia e Ornellaia. Hoje em dia, devido ao seu sucesso e consequente aumento de qualidade dos vinhos da região em geral, estes vinhos receberam a categoria IGP.

Podemos então chegar à conclusão de que a classificação dos vinhos em apelações regionais pode servir como uma boa referência, mas não como um valor absoluto em termos de qualidade. Mais uma vez,

o estudo e o conhecimento dessas apelações são importantes para o amador de vinhos ter um referencial do produto que está comprando, mas é o seu gosto pessoal que vai definir qual a melhor escolha para o momento - se um Chianti leve com toques de frutas vermelhas e especiarias ou um *supertoscano* potente, tânico e puxado a frutas negras.

Outra dica importante para o amador iniciante é passar a acompanhar algumas publicações sobre vinhos, até mesmo pela internet, e com o tempo ele certamente perceberá uma afinidade maior com o gosto de um ou mais críticos, o que pode render boas indicações.

Na próxima edição, passaremos a destrinchar os maiores países produtores de vinho e suas principais apelações.

*À la prochaine! Santé!*

## Dica do mês

18

E por falar em *vinhos de terroir*, a dica do mês é a linha de vinhos da Vallontano. Há algum tempo Luiz Henrique Zanini desistiu da carreira na metrópole e, buscando suas raízes italianas, se tornou vinicultor no Vale dos Vinhedos, ao lado da sua esposa, sendo um dos brasileiros abnegados a produzir vinhos que traduzem a sua terra.

Com uma ótima linha-base de tintos (cabernet sauvignon, merlot e tannat), branco (chardonnay) e excelentes espumantes - todos com muito boa relação preço/qualidade - a Vallontano lançou recentemente o Oriundi, em uma *joint-venture* com a italiana Masi “o rei do Amarone” renomada vinícola que tem por

característica utilizar a *apassimento* das uvas para a elaboração dos vinhos, o que resulta em uma maior estrutura, densidade e fruta mais exuberante. Corte de tannat com uvas típicas italianas (teroldego, corvina, recantina e turqueta), utilizando a técnica de deixar passar parte das uvas antes da prensagem. Tive a oportunidade de prová-lo no pré-lançamento, safra 2011, no Encontro Mistral deste ano (a importadora é sua distribuidora exclusiva) e fiquei realmente impressionado com a alta qualidade: com aromas complexos de frutas vermelhas e negras em compota, alcaçuz e uma pontinha de especiarias como um bom *amarone*, na boca tem taninos finos e uma acidez viva, que o fará acompanhar muito bem um bom prato italiano, com carne e molho vermelho.

Mas não esperem nos vinhos da Vallontano a doçura e a potência como os vinhos chilenos e argentinos mais conhecidos. Como os bons *oriundi*, Zanini prefere o refinamento, a elegância e a facilidade de harmonização dos bons vinhos europeus e tem imprimido essas características em suas criações.



SAIBA MAIS EM “CONSERVADO NO VINHO”  
<http://www.conservadonovinho.blogspot.com.br/>

# Nutrição fome OCULTA



Por  
**TALITA MIGUEL PESSOA**  
Nutricionista (CRN3 – 41658/P)  
São Paulo - SP  
[talitinha.pessoa@terra.com.br](mailto:talitinha.pessoa@terra.com.br)

Sua alimentação é realmente nutritiva ou será que contém apenas calorias vazias que só te fazem ganhar peso? Além de proteína, carboidrato e lipídio, nosso organismo também é composto por uma classe conhecida como micronutrientes, representada pelas vitaminas e minerais, encontrados principalmente nos vegetais como as frutas e hortaliças. A carência de um ou mais micronutrientes nos leva a uma condição silenciosa, conhecida como Fome Oculta e atinge uma em cada quatro pessoas, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS).

O corpo sente a necessidade dos componentes escassos na alimentação, mas os sinais ou sintomas só aparecem quando a condição já é crítica. Essa carência nutricional a longo prazo pode causar certas doenças como câncer, osteoporose, diabetes e problemas cardiovasculares. Com a falta de nutrientes, a saciedade também acaba prejudicada e a fome torna-se cada vez mais constante.

A fome oculta está presente em magros, doentes crônicos, pessoas que sofrem com uma rotina estressante e também é comum em obesos, pois muitos não

consomem vegetais, ou seja, se alimentam com quantidade, mas não com qualidade. Por isso, faça exames periódicos e junto a um nutricionista procure o equilíbrio alimentar, sem restrições ou exageros. A alimentação balanceada, contemplando todas as classes de macro e micronutrientes, em conjunto com a reeducação alimentar, é de extrema importância no combate à fome oculta, garantindo a saúde e o bem-estar do nosso organismo.

## ALGUNS SINAIS & SINTOMAS

*(Relacionados com a falta de vitaminas e/ou minerais)*

- \*\* Músculos contraídos ou doloridos e câibras, o que acontece quando falta magnésio no corpo.
- \*\* Cansaço, fraqueza, palpitação, irritabilidade e dificuldade de concentração.
- \*\* Exaustão física pelo excesso de exercícios conjugado com má alimentação.
- \*\* Nas mulheres, sangramento vaginal e alterações na formação de colágeno, sendo predisponentes a rugas e flacidez.
- \*\* Pele opaca e sem vida, devido à má oxigenação do sangue; cabelo sem brilho e com bastante queda; unhas manchadas e quebradiças.
- \*\* Lembre-se: mesmo acima do peso, pode haver excesso de calorias, mas falta de micronutrientes na sua alimentação.

<https://www.facebook.com/nutralitampessoa>



# a POESIA através dos tempos

Uma das coisas que separa a poesia da prosa é o ritmo, haja rimas ou não. A essência da poesia, como digo e repito, é a sua leitura - a música das palavras declamadas.

Nos tempos medievais, quando a maioria dos Senhores Feudais e seus súditos não sabia ler, os artistas eram uma classe essencial da sociedade, fossem eles músicos, poetas ou atores, ou tudo isso ao mesmo tempo. Assim, artistas iam de vilarejo em vilarejo apresentando peças musicadas ao povo, enquanto que os Bardos e suas equipes iam de castelo em castelo levando aos Senhores Feudais não apenas a música instrumental ou cantada, mas, e talvez principalmente, a pura declamação de poesias.

Mais tarde, quando os Feudos começaram a deixar de existir para dar lugar a Reinos mais extensos, os reis continuaram a patrocinar as Artes, e o teatro grego e romano foram desenterrados. Artistas como Shakespeare criaram novos dramas e novas comédias para entreter as cortes. Os atores, contudo, eram todos homens. Quando havia um papel feminino, como o de Julieta, um ator jovem e imberbe vestia-se de mulher para representá-lo.

Se você estudar os textos teatrais da época, assim como os gregos e os romanos, verá que eles eram todos escritos em forma de poema. Os diálogos não eram “falados”, mas recitados, ou seja, declamados dramaticamente.

Hoje em dia, ao produzirem uma peça de teatro dessas épocas, tanto o teatro quanto o cinema precisam fazer com que os textos sejam acessíveis ao grande público, então os atores e atrizes devem possuir um grande talento para transformar os textos poéticos em linguagem normal. Ser escalado para interpretar quaisquer personagens de uma peça grega,



Por  
**DALVA AGNE LYNCH**  
Poeta, Tradutora e Escritora  
São Paulo - SP  
[lynchdalva@gmail.com](mailto:lynchdalva@gmail.com)

romana ou medieval pode elevar ou destruir um ator para sempre, e você pode confirmar isso ao examinar cuidadosamente a carreira daqueles que marcaram época em produções como Romeu e Julieta.

Hoje em dia, os roteiros de teatro, televisão e cinema obviamente deixaram de lado a esquecida arte do declamar. Com isso, a poesia também se transformou, deixando os palcos para permanecer entre as páginas pouco lidas de livros e antologias. O poeta, hoje, é um marginal. A menos que seus textos sejam colocados em música, a sua obra passa totalmente despercebida pelo grande público.



**CALÍOPE:** A de bela voz, Musa da eloquência, da **Poesia Épica ou Heroica**. Significado do nome: “Formoso rosto”. Era a mais velha e mais distinta das nove Musas. Mãe de Orfeu e Linus com Apolo. Ela foi árbitro da disputa de Adônis entre Perséfone e Afrodite. Seus símbolos são um pergaminho, tábua de escrever e estilete.

Esse fato, contudo, não é novo. Tanto na época medieval quanto na grega e romana, a poesia do povo era a trova, não os grandes textos épicos. Estes eram exclusivamente para o deleite das cortes de reis e senhores feudais. Nos nossos dias, entretanto, até mesmo a trova deixou seu nicho de poesia popular para ingressar no rol das Finas Artes, se bem que, nos estados do Nordeste e do Rio Grande do Sul, ela ainda faça parte da cultura do povo.

Talvez você discorde do que digo, afirmando que nunca houve tantas pessoas interessadas em poesia. Afinal, há milhares de *sites* da internet cheios de textos românticos ou descritivos da natureza, corretamente intitulados “poesias”.

**ERATO:** Significado do nome: “Adorável”. A Musa da **poesia lírica** (elegia), particularmente a poesia amorosa ou erótica, e da mímica. Ela é representada usualmente com uma lira.



O problema, entretanto, é que a palavra “poesia” tem mais de um significado. Aqui neste texto, o que chamo de poesia exprime uma forma de expressão artística em que se empregam regras de estruturas sintáticas e de sons, de modo que a palavra é um instrumento não apenas da expressão de algo, mas também de uma forma - o poema.

O sentido mais conhecido, entretanto, e o que vemos hoje em dia na internet, é aquele em que poesia é sinônimo de sensibilidade e emoção, sem elos com formas e sons, e, infelizmente, na maioria dos casos, sem elos com a linguagem.

Devo dizer que estes dois sentidos são ambos válidos, porque refletem o que vem a ser a poesia em seu

sentido mais amplo. Contudo, permanecem ainda duas realidades: a primeira, que a valorização de um texto poético como Arte depende inteiramente da grandiosidade ou mediocridade do autor. A segunda, que a poesia, como expressão das Finas Artes, foi irremediavelmente marginalizada.

Não importa a grandeza do poeta: sua obra ainda está destinada às mais escondidas e empoeiradas prateleiras das livrarias - se é que chega até lá -, e apenas uns poucos, muito poucos, conseguem qualquer espécie de popularidade - esta sempre ligada a outro fator, seja ele político, ambiental, financeiro ou social.

Ou isto, ou o poeta, por ter algum cargo na mídia, ou por algum escândalo pessoal, ou por quaisquer outros contatos importantes que tenha, consiga chegar às páginas de jornais e revistas, ou, melhor ainda, aos *shows* de entrevistas das diversas emissoras de televisão.

Esta é, portanto, a situação da poesia no cenário nacional de hoje. Sim, temos muito talento pelo Brasil afora, tanto na poesia como instrumento de uma forma, quanto na poesia como pura expressão emotiva.

O que nos falta, infelizmente, é que a esquecida arte de poetar seja divulgada e apreciada pelo que realmente é: uma das mais belas das Finas Artes, e a verdadeira voz do espírito de uma época.



**THÁLIA:** Significado do nome: “Festividade”. É uma das Musas gregas, e ela preside a comédia e a **poesia leve**. Seus símbolos são a máscara cômica e um cajado de pastor.

Conheça estas  
e outras obras de  
Dalva Agne Lynch

<http://www.dalvalynch.net/livros.php>



ÀS PORTAS  
DA NOITE  
Editora Blocos



O HERÓI  
Editora  
EDUSP



Por  
**LUCIANA GOMES GIMENES**  
Administradora de empresas e  
Coordenadora de compras  
São Paulo - SP  
lucianagg@uol.com.br

## NET Dicas e links

*Aqui estão mais três indicações de sites para você visitar na net e se divertir. Conheça o projeto Museu da Pessoa, um site interativo onde você pode registrar sua própria história.*

*Quer uma rede social que compartilha fotos e imagens? Visite o Pinterest e comece a se divertir agora mesmo. Quem prefere resgatar notícias e informações do Brasil e do Mundo dos últimos 46 anos não pode deixar de ver o acervo digital de todas as edições da Revista Veja.*

### MUSEU DA PESSOA

É um museu virtual e colaborativo de relatos de vida. Toda e qualquer pessoa é convidada a contar histórias e a explorar o acervo de mais de 15 mil narrativas em textos, imagens, vídeos e áudios. Ao longo de seus mais de 20 anos de história, o Museu da Pessoa desenvolveu diversas linhas de ação, produziu livros e vídeos com o apoio de instituições, pessoas e empresas. Você pode participar dessa iniciativa de muitas maneiras. Conte histórias que você traz na memória, revelando cenários, pessoas e acontecimentos que marcam sua vida e acrescentando imagens, ilustrações, áudios e vídeos. Você também pode registrar histórias de pessoas de sua família, escola, círculo de amizades ou comunidade. Explore o acervo do Museu da Pessoa navegando pelo *site*, selecionando seus relatos favoritos.



<http://www.museudapessoa.net/pt/home>

### PINTEREST

É uma rede social de compartilhamento de fotos. Assemelha-se a um quadro de inspirações, em que os usuários podem compartilhar e gerenciar imagens temáticas, como de jogos, de *hobbies*, de roupas, de perfumes etc. Cada usuário pode compartilhar suas imagens, recompartilhar as de outros utilizadores e colocá-las em suas coleções ou quadros (*boards*), além de poder comentar e realizar outras ações disponibilizadas pelo *site*. Para que os usuários possam interagir de uma forma mais ampla com outras comunidades, o *site* é afiliado com o Twitter e Facebook. Com fácil *layout* e rápido crescimento, tornou-se um novo meio de compartilhamento de imagens na internet. Foi eleito um dos melhores *websites* de 2011 pela revista Time.

<http://www.pinterest.com/>



### REVISTA VEJA

Desde a primeira edição, de 11 de setembro de 1968 até a edição mais recente, está disponível o acervo digital de uma das mais importantes revistas semanais brasileiras, a VEJA. São mais de 2.380 edições, mais quase uma centena de edições extras ou especiais, totalizando mais de 350.000 páginas com acesso gratuito. O *site* contém todas as capas, índices e sistemas de busca que facilitam a localização de temas ou matérias específicos. Uma importante fonte de consulta dos fatos que fizeram a história do Brasil e do mundo nos últimos 46 anos.

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>



# Curioso mundo da literatura



Pesquisa:  
**MARCOS GIMENES SALUN**  
Jornalista  
São Paulo - SP  
[msalun@uol.com.br](mailto:msalun@uol.com.br)



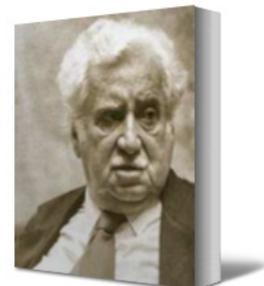
**GRACILIANO RAMOS** era ateu convicto, mas tinha uma Bíblia na cabeceira só para apreciar os ensinamentos e os elementos de retórica. Por insistência da sogra, casou na igreja com Maria Augusta, católica fervorosa, mas exigiu que a cerimônia ficasse restrita aos pais do casal. No segundo casamento, com Heloísa, evitou transtornos: casou logo no religioso.

Numa das viagens a Portugal, **CECÍLIA MEIRELES** marcou um encontro com o poeta Fernando Pessoa no café A Brasileira, em Lisboa. Sentou-se ao meio-dia e esperou em vão até as duas horas da tarde. Decepcionada, voltou para o hotel, onde recebeu um livro autografado pelo autor lusitano. Junto com o exemplar, a explicação para o “furo”: Fernando Pessoa tinha lido seu horóscopo pela manhã e concluído que não era um bom dia para o encontro.



**GUIMARÃES ROSA**, médico recém-formado, trabalhou em lugarejos que não constavam no mapa. Cavalgava a noite inteira para atender a pacientes que viviam em longínquas fazendas. As consultas eram pagas com bolo, pudim, galinha e ovos. Sentia-se culpado quando os pacientes morriam. Acabou abandonando a profissão. “Não tinha vocação. Quase desmaiava ao ver sangue”, conta Agnes, a filha mais nova.

**JORGE AMADO** para autorizar a adaptação de Gabriela para a tevê, impôs que o papel principal fosse dado a Sônia Braga. “Por quê?”, perguntavam os jornalistas, Jorge respondeu: “O motivo é simples: nós somos amantes.” Ficou todo mundo de boca aberta. O clima ficou mais pesado quando Sônia apareceu. Mas ele se levantou e, muito formal disse: “Muito prazer, encantado.” Era piada. Os dois nem se conheciam até então.





Por  
**ANDRÉA LÚCIA GUARÇONI**  
Engenheira civil e poeta  
Rio de Janeiro - RJ  
[agatha\\_triste@hotmail.com](mailto:agatha_triste@hotmail.com)

# Sandália de **COURO**

Gosto do meu jeito de ser:  
Não me rendo a regras  
tradições ou convenções.  
Gosto de ser despojada  
Não me prendo a nada.  
Não ligo para estilos,  
modismos ou tendências.  
Sou guiada pelas minhas preferências.  
Meu humor é minha maior influência e  
Meu prazer é razão da minha existência  
Só a ele sou fiel e devo obediência.  
Sou eclética, por natureza  
Admiro em tudo, a beleza  
Não me prendo a defeitos  
Estamos longe de sermos perfeitos.  
Prezo a honestidade e a lealdade  
Detesto hipocrisia e falsidade.  
Aceito bem mudanças e modificações  
Gosto de diversificações  
No entanto, repudio imposições.  
Transito por ambientes e meios diversos  
Comporto-me, adequadamente, nesses universos  
Gosto de ir a restaurantes requintados  
E, adoro sentar em botecos esculhambados  
Enfeito-me com bijuterias de latas ou de ouro  
Visto-me com sapatos caros ou sandálias de couro  
Coloco roupas de grifes renomadas  
Igualmente, roupas simples e surradas  
Gosto de ser despojada  
Gosto de ser assim  
Porque o maior tesouro que carrego  
Não está no que visto ou aparento  
Está no meu coração, está dentro de mim!

